

PROGRAMA

BONECO DE TRAPÓS

Doutora D. Filomena da Queiroz (47 anos)

Isabel, sua empregada (18 anos)

Auxora, "

D. Maria Helena da Silveira

Maria, criada

Maria, "

peça

Senhora Leocádia

em

Jaime Monteiro (quatro

Dr. Vasco Moreira, médico

Dr. Maldonado, advogado

actos

Eduardo

Carlos, chaffeur

Mestre de obras

Inquilino

Fernando de Albuquerque

criado

ORIGINAL

DE

JOAQUIM PAÇO D'ARCOS

MUSEU NACIONAL DO THEATRO 133240

Uma sala em casa da Doutora D. Filomena de Queiroz, mixto de sala de estar e Personagens secretária cheia de papéis e sobre a qual pousa o telefone. Mobília massada; no lado oposto à secretária um sofá e um maple. Interior mal cuidado. Ergue-se o pabo no momento em que D. Filomena, sentada à secre-

tária, está a escrever.
Doutora D. Filomena de Queiroz (47 anos) *Lucilia Junqueira*
Izabel, sua empregada (18 anos) *Maria Zelande*
Aurora, " "
D. Maria Helena da Silveira
Maria, criada
Marta, " *empregada aurora, mestre de obras, inquilino,*
Fornecedor de Loijas *Senhora Leocádia*

D. Filomena: Mulher de quarenta e sete anos, casada com cinquenta, não tem filhos.
Jaime Monteiro (37 anos) *Aurora Cacheco (?)*
Dr. Vasco Moreira, médico
Dr. Maldonado, advogado
Eduardo
Carlos, chauffeur
Mestre de obras
Inquilino
Fornecedor de Loijas
criado

D. Filomena: - Não há mas não mais. Deixe-me concluir: o ar. fez a obra mas a fama da péssima construção fica comigo que sou a dona do prédio. Este não é para negócio mas outros que queira vender não nos comprem porque calculam que sejam todos da mesma construção. Ainda é o favor que lhe fico a fazer, por lhe dar trabalho. Tenha paciência, não faz as coisas a meu contento não vê nem mais um patão. Conheço-o há muitos anos, mas há-de concordar que não lhe vou dar mais vinte contos para as mãos só para lhe ser agradável.

Mateus: - Se V. Exa. não deve, minha Senhora, se eu lhe dei a obra concluída e durante a construção V. Exa. não fez reparos nenhuns; se a vantaria da Câmara sobre tudo bem e os empregados da Prefeitura que fiscalizaram o material nunca se queixaram que não fosse

ordinário! V.Exa. compramos I ACTO pagar a obra depois dela pronta.

D.Filomena : - Uma sala em casa da Doutora D.Filomena de Queiroz, mixto de sala de estar e de escritório. À D. uma secretária cheia de papeis e sobre a qual pousa o telefône. Mobilia mesclada; no lado oposto à secretária um sofá e um maple. Interior mal cuidado. Ergue-se o pano no momento em que D.Filomena, sentada à secretária, atende três visitantes: um mestre de obras, um inquilino e um comerciante.

I Quadro

Cena I

D.Filomena, empregada Aurora, mestre de obras, inquilino, fornecedor de loiças; todos, menos a primeira, de pé.

D.Filomena (mulher de quarenta e sete anos, aparentando bem cinquenta, nem bonita nem extremamente feia, vestida com pouco esmero, mal penteada, fisionomia desgastada, modos sêcos e entoação de voz impertinente): - Pois tenha paciencia, sr. Mateus, não lhe pago tão cedo nem mais um real. A obra não ficou nada do que eu pretendia, está até muito longe de me satisfazer. Uma telha ordinarissima, umas paredes que parecem tabique, a escada está peor que uma escada de serviço, estuque do mais baratinho, as portas todas empenadas, é aquilo que o sr. chama um prédio moderno, pronto a ser habitado! Mateus (esboçando gesto de a interromper): - Mas, minha senhora...

D.Filomena: - Não há mas nem meio mas. Deixe-me concluir: o sr. fez a obra mas a fama da péssima construção fica comigo que sou a dona do prédio. Este não é para negócio mas outros que queira vender não mos comprem porque calculam que sejam todos da mesma construção. Ainda é o favor que lhe fico a dever, por lhe dar trabalho. Tenha paciencia, não fez as coisas a meu contento não vê nem mais um pataco. Conheço-o há muitos anos, mas há-de concordar que não lhe vou dar mais vinte contos para as mãos só para lhe ser agradável.

Mateus : - Se V.Exa. mos deve, minha Senhora, se eu lhe dei a obra concluida e durante a construção V.Exa. não fez reparos nenhuns; se a vesteria da Camara achou tudo bem e os empregados da Sr.^a Doutora que fiscalizaram o material nunca se queixaram que êle fosse

ordinário! V.Exa. comprometeu-se a pagar a obra depois dela pronta..

D.Filomena : - Exactamente:depois dela pronta,não quere dizer portanto "quando estivesse pronta". Não há prazo nenhum que me obrigue. E como não ficou a meu contento só lhe dou os ultimos vinte contos depois do senhor satisfazer as minhas justas reclamações. Escusa de vir cá falar na Camara que eu sei muito bem o que são as vistorias. Lá o que os meus empregados lhe disseram do material,não sei nem me interessa. O que eu lhe digo sei muito bem; mais ordinário do que aquele nem de encomenda. O prédio ainda terá de levar muitas melhorias antes de eu lhe dar a empreitada por concluida. Doutra forma nunca verá o dinheiro.

(Toca o botão duma campainha)

Mateus : - Diga que melhorias,minha senhora. Se estiver na minha mão, embora me acarrete mais despeza... Eu não quero que V.Exa. fique descontente com o meu trabalho.

D.Filomena: - Depois lhe digo. Agora não tenho tempo de tratar disso, ou o senhor julga que eu só tenho negócios consigo,que não tenho mais nada que fazer?

Mateus : - Mas o dinheiro faz-me tanta diferença,se a senhora Doutora desse um geitinho.

(Entra Maria)

Maria : - A senhora chamou?

D.Filomena: - Dize ao Carlos para vir cá.

(Maria sai)

D.Filomena,continuando,para mestre de obras: - Já lhe disse,não seja impertinente;não lhe dou nem mais um centavo sem ter as obras prontas. Espere. Mais me devem a mim e eu nunca reclamo. Vá com Deus e depois o mandarei chamar.

Mateus : - Bem,não quero magoar mais V.Exa. Agradecia-lhe muito que não se esquecesse. A licença para as obras está mesmo a acabar.

(Sai pela porta ao fundo,mal humorado mas sem tentar reagir;quando pronuncia as ultimas palavras já a Doutora está a dar atenção a outro) Dirigindo-se ainda à empregada Aurora: - Veja a menina se lhe lembra,olhe que nem tenho com que pagar aos operários.

Aurora : - Esteja descansado,ela não se esquece,ela nunca se esquece de nada...

D. Filomena, voltando-se para o inquilino: - Agora o senhor, que pretende? Seja breve, não me faça perder muito tempo, vê como estou atarefada.

Inquilino: - Minha senhora, eu vinha pedir-lhe um favor. Como V. Ex^a. faz o obséquio de ser amiga da minha filha, isso animou-me a vir agora fazer-lhe um pedido. Eu nem tinha coragem de vir, mas a minha filha é que me disse: Vá, pai, que se lhe falar de mim, estou certa de que ela lhe não diz que não. V. Ex^a. sabe, desde que se foram embora os refugiados não veio mais ninguém para o Estoril. Tenho a pensão às moscas. E os encargos cada vez maiores! Chego ao fim do mês, nem sei como hei-de-me governar. Por isso vinha pedir a V. Ex^a. se deixava que eu pagasse para o mês que vem as duas rendas juntas; como nessa altura devo receber uns dinheiros lá da terra...

D. Filomena: - De maneira nenhuma. Sou amiga de sua filha, mas isso não tem nada com o assunto. O favor seria ao senhor e não à sua filha. E que fôsse, ela estava eu arranjada se ia fazer favores dêsses a tôdas as minhas amigas! Elas depois pagavam-me tudo o que eu tenho a pagar, não? Tôdas essas contas que o senhor para aí vê. (aponta os papeis sobre a secretária) Favores dessa ordem não os faço a ninguém. Não devo, não admito que me devam. Paga até amanhã, estamos a oito, senão haverá muita gente que queira a casa.

(Inquilino esboça um gesto, faz uma tentativa para falar)

D. Filomena, interrompendo-o: Não vale a pena insistir, não tenho tempo a perder. Mesmo êsses assuntos tratam-se no escritório, ou então com as minhas empregadas. Estava bem servida, com noventa inquilinos, se ia tratar das rendas de todos. Depois, isso dos refugiados serve de pretexto para muita coisa. Só me faltava ouvir esta: que o senhor não paga a renda por causa dos refugiados. É melhor inventar outra história; com essa não lhe posso fazer nada (despedindo-o): - Boa tarde.

Inquilino (estende-lhe molemente a mão e sai, vexado): - Muito boa tarde.

(Filomena: - É ele a dar-lhe com a senhora Doutora! Julga que eu...)

(Entra Carlos, chauffeur)

D.Filomena, voltando-se para este: - Carlos, são horas de ir buscar o senhor, e diga-lhe se pode vir para casa, que preciso falar-lhe.

Carlos: - Vinha já de caminho saber se a senhora tinha algumas ordens a dar. Depois não precisa mais do carro?

D.Filomena: - Não, vá só buscar o senhor.

Carlos: - Com licença. (Sai)

Fabricante de loiças: - V.Exa. dá-me licença, trazia esta facturazinha, o meu sócio disse-me que passasse por cá, que já tinha falado consigo e que a senhora Doutora tinha concordado com a cifra.

D.Filomena, olhando de relance a factura: - Tenho muita pena de desmentir o seu sócio mas não é verdade. Os senhores fizeram um fornecimento que posso bem classificar de vergonhoso; o meu erro foi não ter combinado os preços antes de fazer o negócio. Mas vá lá a gente fiar-se nos fornecedores! Agora é só apresentar a factura e eu que pague, de olhos fechados.

Fabricante de loiças: - Ninguém diz isso, minha Senhora, mas nós não fizemos mais do que atender a encomenda de V.Exa.

D.Filomena: - Mas eu quando lhes fiz a encomenda julguei que estava a lidar com comerciantes sérios.

Fabricante de loiças: - Perdão, minha senhora, julgou e somos.

D.Filomena: - Já viu algum comerciante que não fôsse sério? Para os comerciantes uma coisa é a seriedade, outra é a qualidade da mercadoria e outra ainda é o valor das facturas. Os senhores podem ser muito sérios mas o vosso fornecimento foi uma lástima e essa factura é uma exorbitancia. Não pago. Estava eu arranjada, com a quantidade de prédios que tenho de construir, se ia pagar tudo sem olhar a preços, como os senhores pretendem, e ainda por cima com essa pressa. Deixe aí a factura, eu quando tiver vagar verei o que devo pagar. Volte para o mês que vem, não há pressa nenhuma.

Fabricante de Loiças: - Mas, senhora Doutora...

D.Filomena: - E êle a dar-lhe com a senhora Doutora! Julga que eu me formei em direito para só pensar nas suas pias e nos seus lavatórios? Não me importune mais, porque olhe que quem perde é o senhor.

Fabricante de loiças: - Eu não supunha importunar...